

MÚSICA

MAURÍCIO KUBRUSLY

O VÔO SONHADOR,
E IRREAL,
DO 14 BIS, E AS
MÁZELAS
DOS BRASILEIROS.

Assim como a verdade não é o prato principal dos discursos de quem está no poder, a realidade não é o ingrediente principal das faixas que estão na parada de sucessos. As canções que colocam um espelho diante da cara suja e ledida do Brasil, essas as rádios não tocam, as tevês não escalam. Quem quiser o vulcão do contraste, desses que ninguém pode fingir que não percebeu, compare o disco de Fernando Pellon com o do grupo 14 Bis. O de Fernando, de produção independente (é óbvio), se chama *Cadáver Pega Fogo Durante o Velório*, e não toca em nenhuma FM; o do 14 Bis é feliz a partir do título, *A Idade da Luz*, e está em todas as rádios.

Compreende-se: o 14 Bis vive no planeta sonho, jamais raspa a sola dos pés no chão – eles, inclusive, recomendam explicitamente: “Quem quiser aprender a dança do tempo/ Vai ter de tirar seus pés do chão.” E assim, levitando, o 14 Bis flutua numa versão atual dos contos da carochinha. É embarca em discos voadores, encontra seres luminosos, percebe naves de prata, descobre uma ilha de mel, desembarca

no país das maravilhas, torna-se íntimo de adoráveis criaturas, promove viagens delirantes, sabe o endereço do reino encantado e outras utopias de menino. A última faixa, *Pequenas Maravilhas*, não termina com o verso “e foram felizes para sempre”, mas roça perto: “Cigarras e flores, contos de fadas/ Não há/ Um bem maior que a pequena criança.”

Fernando Pellon, ao contrário, não arreda os pés do chão. E com o seu primeiro LP promove o enterro do eufemismo. Vicente Celestino cantou a história do coração de mãe que sai pulando na poeira atrás do filho de perna quebrada; João Bosco e Aldir Blanc, na memorável *Bandalhismo* (atenção para o título) gravada por Paulinho da Viola, vomitaram um P.F. de rabadia com agrião e sentiram vontade de soltar o barro... Porém: chega de tom pastel, vamos direto ao osso. E é

isso o que faz Fernando Pellon, garimpando suas canções na mina de nossos pequenos assassinos e grandes mesquinhas, o cotidiano mais banal da maioria dos brasileiros – esses todos que querem votar para presidente.

Assim, na faixa *Carne no Jantar*, por exemplo, ele recomenda um certo cuidado ao olhar o cadáver do homem que foi atropelado, aquela sangueira toda no asfalto... porque vai ter carne no jantar.

Final, tudo é assim, cruel como a rotina de quem ouve o conselho da autoridade do governo fardado: “Os mutuários do BNH deveriam dar um tiro na cabeça.” Por isso, a capa do disco de Fernando Pellon é assim, como a primeira página de *O Dia* ou *Notícias Populares*. Por isso o primeiro verso da primeira faixa poderia ser cantado pelo Brasil, se ele ainda tivesse voz 20 anos depois: “Quando eu soube que estava canceroso”...

CINEMA

SÉRGIO AUGUSTO

AS DESLUMBRANTES,
E MUITAS
VEZES IMBECIS,
FRASES CLÁSSICAS
DO CINEMA.

Sei que você, como eu, como quase todo mundo aliás, tem as suas frases prediletas. Frases cinematográficas, bem entendido. Ao menos uma você deve ter. Nem que seja “amar é nunca ter de pedir perdão”, platitudo celebrizada por *Love Story*, uma década atrás, e ridicularizada na última cena de *Esta Garota é uma Parada*. Outra coisa não merecia, pois era metida a séria, profunda, metafísica – além de mal-intencionada. Ou você tem dúvida de que seu autor, Eric Segal, pretendia fazer dela um clássico de azulão?

Clássico não se faz, clássico se torna. E nem sempre o que se torna clássico tem laivos de pretensão. Em qualquer filme, um “fora” nesses termos – “Francamente, querida, eu estou pouco me importando” – não seria lembrado sequer na saída do cinema. Mas, como dito por Rett Butler para Scarlett O’Hara, até hoje, 45 anos depois, ainda é lembrado. Só não é, desconfio, a frase mais conhecida do cinema porque Woody Allen escreveu uma peça e estrelou um filme com o título de *Play*

CADÁVER PEGA FOGO DURANTE O VELÓRIO



MÚSICAS DE: FERNANDO PELLON, PAULINHO LEMOS, SYNVAL SILVA, NADINHO DA ILHA, E CRISTINA.

Ciúmes, tiros e tragédia | **Noivo desmaia de fome e assiste sentado às cenas do casamento**

ESTOU LHE MOSTRANDO A PORTA DA RUA PARA QUE VOCE SAIA SEM EU LHE BATER.
Seviçada em público | **JOCUEI MEU CIGARRO NO CHÃO E PISEI SEM MAIS NENHUM, AQUELE MESMO APANHAI E FUMEI.**

FUI TÃO BOM PRA ELA, DEI MEU NOME A ELA, QUASE PASSEI FOME PARA HONRAR SEU NOME.

Artificialmente limpa pelo processo Olivetti de tecladismo esteri, a MPB ultimamente não tem correspondido a violência do país que a produz. Pelo menos a MPB leira O, emanada da burocracia do show biz e do oficialismo político do bem humor a preço de hiena. Fernando Pellon vai chocar essa hipocrisia generalizada vendida com ritual de bom gosto e status. “Nunca gostei de eufemismo”, vai logo cantando ele. E dá nome às dorcas, como fazia Augusto dos Anjos, com um requinte de morbidez que ainda perde, no entanto, para a crueldade de exibida diariamente por nossas autoridades mais altas. Quem quiser se assustar com Pellon, que também recobra tradições estabelecidas por arautos das campas tão divergentes quanto Nelson Cavacchini e Vicente Celestino. Para isso, basta ouvir “Flores de Plástico ao Amanhecer”. Já o nosso neer-

O disco de Fernando Pellon: como uma manchete de *O Dia*.